

Observações: Luiz Zerbini em diálogo com Frank Walter

Por Barbara Paca

A CONVERSA: Walter e Zerbini

Nota da autora: Esta é uma conversa entre Frank Walter (1926–2009) e Luiz Zerbini (1959). Como curadora da exposição, sinto-me na obrigação de informar ao leitor que atuei apenas como observadora e editora de seus escritos e declarações, que então reuni em forma de troca, ouvindo o diálogo às escondidas enquanto completam as frases um do outro e, em suas pinturas, suas pinceladas se respondem. Uma relação fluida entre dois artistas interligados pelo conhecimento, pela curiosidade e por uma receptividade plena ao mundo natural.

Luiz Zerbini em conversa com Barbara Paca no seu ateliê, Rio de Janeiro, julho de 2025

Acredito que a pintura seja um tipo de colaboração.
As plantas são os seres mais incríveis e interessantes desse mundo.
Elas são responsáveis por nossa existência.
Devo muito a elas.

O intelecto propriedade básica da vida [Intellect the Basic Property of Life], de Francis A.W. Walter, 7 de novembro de 1987¹

O intelecto é como um afluente.
Fluindo de uma biblioteca comum,
De alguma forma armazenado na natureza.

Studio International, Luiz Zerbini e Joe Lloyd, 18 de janeiro de 2021

Uma vez ouvi de alguém, em algum lugar, que as pinturas falam. Pensei que fosse uma metáfora. Com o tempo — ao passar meses e meses, às vezes oito ou nove meses olhando para a mesma pintura, esperando sem saber o que fazer — entendi que as pinturas realmente falam. Desde então, trato a pintura como um oráculo. A pintura te dá tudo de que você precisa para continuar. Todas as respostas. Ela te mostra caminhos, sugere imagens, ideias, pensamentos. Ela te dá uma explicação¹ sobre o porquê de fazer isso ou aquilo. Não tenho dúvida nenhuma disso, mas você precisa ter paciência. As respostas vêm com o tempo. Você tem que estar aberto para ver, e ter coragem para aceitar e tentar. Se agir, a resposta será a própria pergunta. E por aí vai. Se você tiver a chance de sentar-se em frente a uma das minhas pinturas por um período longo, olhando para os pequenos detalhes, certamente teria respostas melhores do que esta. E, por favor, não se acanhe. Faça sua pergunta à pintura, pergunte tudo o que quiser saber e espere.

¹ N. do T. Buscamos manter as complexidades sintáticas, ortográficas e de pontuação da obra escrita de Frank Walter em nossa tradução.

O Cosmos Vivo [The Living Cosmos], de Francis A.W. Walter, 11 de abril de 1990

A Natureza é a mãe de todo molde orgânico.
A origem projetou a mãe de todas as coisas,
Enquanto pai Origem educa e dá broncas.
Fazendo para cada ordem específica reis menores.
E a vida mantém a vigília e trabalha o cosmo sem fim,
Torção ao infinito.
Em tempo e distância.
Uma obra de arte por frações e pelo positivo a alma eterno mais,
E nós mortais conscientes de nosso status até hoje avançamos.

Coqueiro, de Luiz Zerbini 30 de outubro de 2025

É bonito pensar que, séculos atrás, de um coqueiro asiático caiu um coco no mar.
Boiando, atravessou mil mares até chegar rolando nas areias brancas das praias do Caribe
e nos mangues cariocas da costa brasileira.
E brotou.
E nós, seres tropicais — trazidos da Europa e da África — pintamos, em pedacinhos de
madeira e tecido, sua cara de muitos olhos, descabelada pelo vento.

A natureza educa a todos os humanos [Nature gives all Humans Scholarship], de Francis A.W. Walter, 8 de novembro de 1987

Onde a erudição acadêmica se vê suprema,
Medindo a todo outro intelecto,
Para assim julgar,
Aquele de todos os outros,
Tal erudição leva a melhor.
A alma aí engana o melhor no esquema da natureza.

Conversa de ateliê com Luiz Zerbini, julho de 2025

Nós buscamos a mesma coisa – com o mesmo olho, com a mesma cor. Eu me reconheço
no trabalho de Frank Walter.

O escultor [The Sculptor], de Francis A.W. Walter, 1994

Tudo o que percebemos ou copiamos do acervo da natureza,
Para dar forma, apenas,
Com a ferramenta afiada do artista —
Seja mostrado ou abstrato,
Nunca visto antes,
Sabemos que ali há algo,
Nada para tolos.

Algo se vê,
Seja apreciado ou não;
Ergue-se e declara sua história.
O escultor a faz falar.
Se algum crítico, por acaso, se irrita,
Meu mestre logo perguntaria:
Que o escultor, então, a venda.
Tudo bem que seja grotesca
Ou estética;
Pois, sem que se diga,
Seguimos a talhar e a moldar,
Sem ligar para quem afaga ou fere.
O mundo inteiro observa
Por sobre nossa nuca.

A Vida é Paródia da Arte, de Luiz Zerbini, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2001

Meu querido Wally

Consigo imaginar uma pessoa
Qualquer pessoa
Fazendo qualquer coisa
A mais absurda
Quando essa coisa sai da sua boca
Li e re-li o teu poema

A vida é paródia da arte
Resolvi fazer um desenho para cada “estrofe”
Depois um desenho para cada linha e
Depois um desenho para cada palavra
E aí muitos desenhos para cada palavra
Primeiro a areia
Vou pintar a areia
Vou pintar todos os grãos de areia
De todos os tipos de areia
E todas as conchas e suas cores
Vou pintar a transformação de um caracol em areia
Vou pintar a idade da Terra.

O que arte é [What Art Is], by Francis A.W. Walter, 1994

No verão, quando a luz brilha intensa durante o dia,
Ao ar livre.
A natureza solta raios de sua arte, vista
Em exibição floreada
Então vem o artista dissipar a inércia e a dúvida

Somos todos artistas sem dúvida, é assim
É assim quer as formas sejam copiadas do balanço da natureza
Seja no calor ou lá fora na neve
Há algo visto a ser copiado a cada dia
Virtuosos são só os que sabem encenar o papel supremo
Na música, pintura, escultura ou drama
Ou em comerciais
Nós talentos investimos
Mas, não ser perito
Não impede o esforço
A vida em si é a maior expressão da arte.

Eu sou uma pintura, de Luiz Zerbini, Rio de Janeiro, 2021

A pintura é um oráculo onde me consulto. Eu estava pensando sobre essas coisas que ontem eu não via e hoje quando cheguei aqui percebi. Com a tinta que sobrou na minha paleta, pinteí de azul essa árvore que ontem era cor de árvore. Que árvore seria essa, qual espécie azul, o azul é sombra? Está viva ou seca? Tem fungos, casca, como é a raiz? Enquanto pinto, processo as coisas que já vi e vejo e o mundo se revela, se explica, e a vida vive seu teatro num único ato. Através do que faço, eu entendo o mundo, ele se constrói e se apresenta. Eu compreendo o mundo pela minha pintura. Entendo profundamente, fisicamente, biologicamente. Entendo sua composição molecular. Me transformo nas coisas que eu pinto porque me reconheço nelas.

[...]

Sementes brotam de respingos que me trazem memórias de caminhadas no mangue – e ambas podem desaparecer, sumir se, por acaso, o não acaso fizer a semente brotar, e ali nascer e crescer uma árvore que irá cobrir as sementes que já foram respingos que o acaso plantou. Ela pode crescer e cobrir a sua própria história. A história da sua origem. Por isso venho aqui falar das minhas conversas, da minha escuta. As leis que regem a pintura se parecem com as leis da natureza. Seguem princípios semelhantes, convivência, tensão, desencadeamento e entendimento. Se eu decidisse não seguir essas leis, eu teria que, de antemão, saber o que eu quero, e eu não quero nada, eu quero tudo. Eu teria que ter uma vontade que eu não tenho, uma certeza que não existe em mim. Eu sou uma pintura.

—

Sensação de um plantador [A Planter's Feeling], de Francis A.W. Walter, 1994

Se minha alma me perguntasse o que me traz tanto conforto,
Eu responderia com firmeza: “Tenho plena certeza. É o tableau.”
Em meu olho interior, contemplo uma multidão banquetando-se
silenciosamente com minha arte.
Silentes e imóveis diante da parede
Dotados da virtude de apreciar aquilo que veem
Ficam ali — silenciosamente, silenciosamente — tomados de assombro

Quase presos ao chão. Imóveis.
Como se a mente de cada um fosse levada
a um reino onde a Arte lhes pertencesse.

Eu também observava em silêncio.
Capturado pelo assombro.
Pois, supondo que viam — e que se agradavam,
ou talvez algo além disso —
o conjunto parecia arrebatado.
Eu também me senti confortável ao ver o que liberei.

Sou feliz por saber que minha mente e minhas mãos
se puseram a trabalhar para capturar o que vi em cada imagem.
Cada uma ergue-se majestosamente
E, convocando todos ao drama,
Não fez nenhum deles de palha.

Poema publicado em *Rasura*, de Luiz Zerbini, Rio de Janeiro, 2006

não é só sobre o que se está vendo
É sobre o que se está ouvindo quando se está vendo
não é só sobre o que se está ouvindo quando se está vendo
é sobre o que se está sentindo quando se está ouvindo o que se está vendo
não é só sobre o que se está sentindo quando se está ouvindo o que se está vendo
é sobre o que se pensa quando se está sentindo o que se está ouvindo quando se está
vendo
não é o que se pensa quando se está sentindo o que se está ouvindo quando se está
vendo
não é o que se está sentindo quando se está ouvindo o que se está vendo
não é o que se está ouvindo quando se está vendo
é só o que se vê

O que arte é, de Frank Walter

Arte é um festival em que se conta uma narrativa
Faz seu drama constantemente e fala na carne humana
Um ator sempre audaz
Em tela madeira ou papel
Ela busca um público
Pedra fria ou argila ou madeira ou metal
O escultor escreve para a estima daqueles
Que inevitavelmente à cena conclamam
Mesmo quando lábios rudes e vulgares comentam
Só o que se vê é o que se vie
E ver a arte é também
Tê-a e ouvi-la

Viver é Ruminar Paisagens, de Luiz Zerbini, Rio de Janeiro, 2021

Viver é ruminar paisagens. Talvez por isso me reconheça no olhar doce, perdido, silencioso de uma vaca que passa a vida ruminando. Remoendo o que viveu e sonhando memórias. Para pintar é preciso estar em pé, no campo, pisando o capim com o olhar vago, fixo no horizonte, e triturar involuntariamente paisagens, sonhos e memórias. Como um louco. Pacificado na sua loucura. Medicado, estúpido, tapado. A inteligência de um pintor é sagrada como as vacas na Índia. Razão intuitiva é um conceito criado por Malevitch em 1913. Desde que a ouvi pela primeira vez, essa ideia me pareceu perfeita

A folha e o orvalho [A Leaf and a Dewdrop] by Francis AW Walter on the 4th of July 1988

Eu vi que o sol é por origem,
Posto a fazer orvalho e endurecer folha.
Todas as ordens orgânicas a começar.
Folha é como fé!
Aliviado, suspiro.
Orvalho é inovador!
Então lamentei.
A beleza reluzente na terra.
Mas essa beleza logo engana,
E então o pensamento um júbilo mais constante.

Vi que Deus é origem.
Que o sol é Governador do dia.
Então a inovação seria pecado,
Tão diferente da fé esvaecer-se,
E o orvalho passa tão cedo!
Enquanto a folha se debate na luz,
E brilha mais ainda após o meio-dia,
O orvalho passa mais rápido que o dia à noite.

Luiz Zerbini, Rio de Janeiro, 2009

Observar é um caminho que leva direto a Deus,
O atalho se manifesta enquanto se observa,
é a compreensão do universo em um único instante

e assim criei Deus.
em imagens e semelhanças.
Como suponho, ele deva ter feito, se assim fosse.
Despretensiosamente.
Infantilmente.

O que me leva a considerar a luz numa pintura é a vertigem que sinto ao olhar a cor alaranjada de maio, que bate na empena branca e dura de um prédio. Sinto nela a presença do sol, sua distância, a atmosfera que a filtra, o vapor que sai do chão, o movimento dos astros que altera a posição de tudo silenciosamente, mantendo sua entediante e repetitiva rota. Essa luz que tangencia o planeta antes de atingir todas as paredes verticais de todos os edifícios que nuvens e outras coisas voadoras não obstruíram com suas massas flutuantes. Colorir as empenas e projetar a linha do horizonte que em movimento lento, revela que a noite é a ausência do que uma bola de fogo nos deu e que somos capazes de alcançar com os olhos.

Sou o último remanescente de uma tribo que virá.

1. A natureza é mãe

Frank Walter e Luiz Zerbini estão em sintonia com o mundo natural, encontrando-se num plano que poucos artistas alcançam. Embora suas formas de comunicação sejam marcadamente distintas — a poesia por vezes esotérica e rústica de Frank Walter, e a prosa direta e desimpedida de Luiz Zerbini — suas obras se conectam de maneira espontânea, unindo-se por um modo compartilhado de observar paisagens reais e imaginadas. Munidos do poder da observação e do assombro que dela decorre, seus trabalhos são universais, sem concessões, exigindo muito de seu público — e uma resposta emotiva imediata toma o espectador de surpresa.

No cerne desta exposição, a obra de Zerbini colide com a de Frank Walter. De modo surpreendente, com a mesma concentração incansável de expressão em um formato relativamente pequeno. Intensamente presente e, ao mesmo tempo, apaziguadora. Sem filtros. A verdade espreita aqui.

Dando um passo atrás, o processo de ambos é puro na medida em que aquilo que muitos descartariam torna-se, para eles, fonte de fascínio. À primeira vista, pode parecer algo sentimental – um pedaço de papel amassado ou talvez uma concha. No entanto, esse gesto de recolher faz parte de uma necessidade de classificar, como botânicos – pois suas mentes enciclopédicas estão em constante busca por sistemas vitais, o verdadeiro combustível de seu trabalho criativo.

A primeira vez que vi as paisagens de Frank Walter foi quando eu estava sentada com ele, há mais de vinte anos. Ele falava com aquela eloquência arrebatadora que lhe era tão característica, enquanto segurava uma pequena pintura no colo. Era difícil não me deixar absorver pelo quadro, apesar de sua escala diminuta. Pois naquela pintura estava tudo o que eu precisava saber sobre Frank Walter — seu conhecimento sobre sistemas vitais, sua habilidade singular de manipular a cor, sua sensibilidade à qualidade fugidia da luz, e muito mais. A primeira vez que experimentei as paisagens de Luiz Zerbini foi em seu ateliê no Rio, e também foi um momento poderoso, pois pude perceber, naquela obra feita puramente para si mesmo, uma intimidade semelhante. E, como com Frank Walter, senti uma conexão profunda com seu ambiente, embora eu nunca tivesse passado tempo ali. O trabalho de

Zerbini habita mundos calmos e muitas vezes silenciosos, onde se percebe a intensidade de seu foco — lugares onde ele passou tempo olhando profundamente para o mundo natural, criando seus filhos, ouvindo os pássaros, música ou simplesmente o silêncio. Esses artistas compartilham um dom para a observação, e seu distanciamento do trivial permite um tipo de atenção que jamais subestima a resposta do espectador.

De forma modesta, Zerbini conta como suas primeiras memórias envolvem o privilégio de passar tempo ao ar livre. Suas pinturas assombram como um tipo de experiência que se tem ao tentar lembrar o nome de uma flor ou reimaginar o perfume de um jardim de nossa infância. Sua obra nos remete ao sentimento de estar imerso numa paisagem onde tudo é interessante e novo de uma forma agradável.

Assim como em Walter, esquemas de cor improváveis tornam-se normais nas pinturas de paisagem de Zerbini — quando foi a última vez que você viu um céu bordô à noite com montanhas íngremes em preto e branco lado a lado? Tudo isso de alguma forma se torna normal. O céu se preocupa com um fino trabalho de linhas, expressando nuvens, o pôr do sol, a aurora e reflexos surreais que rebatem dos picos de montanha, penhascos e paisagens marítimas taciturnas. Mesmo o menor pedregulho é detalhado — personalizado — e é tão individual que ele se torna uma figuração ativa que parte da paisagem em si. Como ele abstrai a paisagem em figuração? A pintura de Zerbini *Menino do Rio* (1988) centra-se na *Rückenfigur* de um jovem, aventurando-se numa canoa rumo a um território desconhecido. Como na obra de Frank Walter, a figura segue o Romantismo alemão, ainda que de uma forma latino-americana.

2. Minha primeira aula de gravura

Nascido em São Paulo em 1959, Zerbini conta uma história sobre jogar pingue-pongue com seu irmão, um passatempo de infância, como o palco improvável para sua primeira aula de gravura. Em 1973, ele já tomava aulas de pintura e fotografia, e em 1975 o surfe o introduziu ao mundo marítimo e a um modo desafiador de olhar para trás para as massas terrestres. Andar até as montanhas no meio da floresta como ritual diário permaneceu uma parte de suas memórias.

Quando tinha uns 12 anos de idade, estava jogando pingue-pongue com meu irmão e a bolinha caiu entre as folhas azuis e espinhentas de um agave na casa de meus pais. Tentava cuidadosamente pegar a bolinha branca no meio da planta sem me espetar quando notei os desenhos impressos naquela superfície azulada. Era a minha primeira lição de gravura dada sem que eu percebesse e só compreendida muitos anos depois. Trinta anos depois, achei uma folha de maranta misteriosamente perfurada. Ela tinha pequenos furos distribuídos de forma simétrica e organizada. Achei que poderia ter sido feito por algum inseto arquiteto, desses que ficam construindo coisinhas indecifráveis para quem não é indígena, mateiro ou biólogo. Furinhos paralelos, bolinhas coloridas grudadas embaixo de folhas. Gravetinhos costurados com fios de palha. Pensei em extraterrestres também. Sempre penso.

3. O artista científico

Luiz foi à Bahia com um amigo artista e, enquanto estava lá, encontrou-se com uma mãe de santo do Candomblé. Ela lhe perguntou o que ele fazia e, quando ele disse que era artista, ela pareceu surpresa, afirmando enfaticamente: Você não é um artista, mas terá muito sucesso com a ciência. Inicialmente, ele ficou deprimido com essa profecia; anos mais tarde, porém, percebeu que ela estava certa. O gênio de Zerbini reside no fato de ser tanto artista quanto cientista.

O ateliê de Zerbini e sua obra se leem como um herbário íntimo. E isso não se deve apenas ao fato de ele viver perto do Jardim Botânico, no Rio. Suas pinturas em grande formato são épicas, pois apresentam muitas perguntas ao espectador — para compreendê-las, é preciso atentar à composição. E o mesmo se aplica às obras de pequeno formato, que possuem uma emoção silenciosa e poderosa. O ateliê de Zerbini é tão pessoal quanto sua série de pinturas. Localizado no centro do Rio, perto do Jardim Botânico e situado no fim de uma rua escondida, seu estúdio ocupa os dois lados da via. As pinturas de pequeno formato que compõem seu livro *Sábados, Domingos e Feriados* revelam seus pensamentos mais íntimos, seu processo, como ele alcança a expressão pictórica. Assim como o trabalho dessa série, o estúdio é um reflexo de seu mundo interior. Tudo naquele espaço é pensado e, em muitos aspectos, sentimental. Nada é aleatório. Nesse ambiente, percebe-se a intenção do artista — uma investigação que vai desde a criação de obras escultóricas com pedras e sardinhas até um padrão aparentemente aleatório feito em uma planta por um inseto perfurador. Zerbini se encanta com tudo isso, afirmando: *é como uma mensagem*. Ele se cerca de um pequeno museu de itens coletados na natureza — cada um tem uma história, cada um lhe ensina algo que informa sua arte.

Venho colecionando durante anos, pequenos objetos, fotos, textos e lembranças, meu arquivo pessoal, onde tudo que eu faço tem origem. As peças desse acervo têm importância individual e principalmente nas relações e comparações possível entre elas. 2 Nessa sala estão expostas, além dos objetos escolhidos, suas relações, na intenção de conseguir levar além do que se vê nela exposto, as questões da representação das coisas do mundo, assunto que me interessa e aproxima daqueles que fizeram as primeiras viagens filosóficas ao Brasil. Por dar grande importância as cores das coisas ainda vivas, e me deparando com a incapacidade da alquimia moderna em mantê-las nas coisas sem vida, guardei em vidros, as cores vivas da natureza usando a ilusão e a sugestão como recurso.

Zerbini e o gravurista João Sanchez, do Estúdio Baren, criam monotipias botânicas que celebram não apenas a amplitude da flora, mas também a profundidade das possibilidades de expressar a horticultura. Essas monotipias, que prensam plantas em um herbário artístico, são a resposta, trinta anos depois, à lição da bola de pingue-pongue de Zerbini. E, com Edimar, o jardineiro de Inhotim, ele teve o privilégio de trabalhar com as plantas que escolhesse naqueles enormes jardins paisagísticos.

Parte da série de monotipias de Zerbini presta homenagem a Roberto Burle Marx (1909–1994). O artista criou uma coleção inspirada na paisagem do Sítio — residência e laboratório vivo de Burle Marx no século XX — que abriga uma das mais importantes coleções de plantas semitropicais e tropicais dentro do habitat natural da Mata Atlântica. O Sítio permanece como

o legado duradouro do arquiteto paisagista, onde ele viveu de 1973 até sua morte. Para a participação de Zerbini na exposição *Nous les Arbres* na Fondation Cartier, em 2019, o botânico Stefano Mancuso escreveu sobre a espessura das monotípias de Zerbini, com uma profundidade em que as plantas se cravam no papel como petroglifos. O professor Emanuele Coccia também contribuiu para o catálogo da Cartier, concluindo que o processo de criação de Zerbini é revolucionário ao permitir que as espécies façam arte da mesma maneira que os seres humanos.

Em 2008, fui convidado a participar de uma exposição sobre Domenico Vandelli, um naturalista italiano que, junto com Dom João VI, rei de Portugal, organizou a expedição científico-artística ao Brasil no século XIX. Para essa mostra, fiz minha primeira instalação usando plantas e folhas. Há cerca de cinco anos, venho trabalhando com o [ateliê de impressão] Estúdio Baren, no Rio, produzindo monotípias feitas com folhas reais como matriz — o que abriu um novo mundo de possibilidades.

Uma das coisas mais marcantes sobre Luiz é sua consciência do poder da observação e sua capacidade de trabalhar com indícios até chegar a uma obra final. Em 2008, Zerbini realizou *O Gabinete de Curiosidades de Domenico Vandelli*, uma exposição no pitoresco Jardim Botânico do Rio, onde estabeleceu um diálogo singular com mais um pensador póstumo: o naturalista italiano Domenico Vandelli (1735–1816), do século XVIII. Zerbini dedicou uma residência ao estudo dos arquivos de Vandelli que, como amigo e colega do sueco Carl Linnaeus (1707–1778), é um dos mais importantes horticultores a atuar no Novo Mundo.

Vandelli foi convidado a ir para Portugal em 1764 pelo Marquês de Pombal para reformar a Universidade de Coimbra, com foco específico em química e história natural. Combinando expertise científica com diplomacia, ele rapidamente conquistou a admiração de autoridades governamentais e foi convidado pelo rei Dom José I (1714–1777) a coordenar informações sobre os recursos naturais do Brasil. Embora nunca tenha viajado ao Brasil, Vandelli manteve correspondência com os principais cientistas brasileiros a partir de sua base em Portugal, patrocinando a série inaugural de “viagens filosóficas” destinadas a recolher conhecimento sobre a biodiversidade das colônias e reunir amostras para serem enviadas à metrópole.

Líder dessa iniciativa, Vandelli publicou *Viagens filosóficas, ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar*, onde orientava naturalistas viajantes sobre o que inventariar e como coletar, secar e transportar material para que pudesse ser utilizado para fins científicos.

Enquanto eu estava no ateliê de Zerbini, a poucos passos do magnífico Jardim Botânico do Rio, podia perceber como o equivalente português do Jardim da Ajuda representava, para Vandelli, um laboratório artístico. Sua visão era a de um renascimento do reino português, e sua saída do isolamento cultural seria alcançada por meio de um foco renovado na natureza e no progresso científico. Domenico Vandelli, estudado por Zerbini, encontrava lugar em suas palavras enquanto estávamos ali em seu ateliê — seu gabinete de curiosidades — observando as plantas de plástico da exposição, revestidas de tinta acrílica, imersas em delicados tubos de ensaio com água, parecendo coisas vivas. Zerbini declarou: *Sou artista, sou mentiroso.*

*Estava sentado olhando para o alto de uma árvore onde um galho fino balançava ao vento. Uma brisa que, de onde eu estava, não era possível sentir. Ele oscilava como se estivesse em câmera lenta. Possuía poucas e finas folhas e uma delas vibrava numa velocidade diferente. A posição dela em relação à direção do vento fazia com que se destacasse na calma que essa visão estabelecia. Parecia nervosa. Num primeiro momento, achei que fosse um bicho, um inseto, alguma coisa agarrada à folha que batia as asas. Mas não, era apenas a folha que brincava na luz do sol com o vento. Então, um pequeno pássaro marrom pousou no galho e o balanço pesou. Por ser fino e muito longo, o galho pendeu pra baixo bem mais que um metro, imagino. Respondeu ao seu pouco peso, revelando a relação de forças ocultas naquele acontecimento. O pássaro ficou parado, agarrado ao galho, que agora funcionava como uma gangorra, balançando pra cima e pra baixo lentamente. Esse balanço lento contrastava com a tensão natural dos pequenos pássaros. De onde vem tanto medo? Um gavião, um tucano ou outro predador. O dono da árvore, da fruta, um menino armado. Será que aquele não era seu território? Outro macho poderia estar por perto avisando que ele havia invadido terreno demarcado. Será que é mesmo medo? Ele olhava para todos os lados movimentando a cabeça rapidamente em todas as direções. Como um tique nervoso. Só a cabeça mexia. Depois, como um soluço involuntário, pulou, trocou a perna e sua posição no galho. E então se jogou. Agora estava no mesmo galho, mas de cabeça pra baixo, pendurado, 4 balançando. Ele estava querendo comer alguma coisa que era impossível identificar de onde eu estava. De onde estava, eu só podia supor. Podia ser uma frutinha, um broto ou um inseto. Ficou ali pendurado de cabeça para baixo balançando por alguns longos segundos, fez o que queria e voou. Desapareceu. A beleza dessa cena não está apenas nas cores, nas formas, nas linhas. A beleza está na totalidade do que **suponho**.*

4. Tributos à poesia de Waly Salomão e Frank Walter – *Eu sou uma pintura*

Tenho um amigo, um poeta muito bom, que um dia amassou um papel com um poema — A Vida é Uma Paródia da Arte — e jogou em mim, pedindo que eu o ilustrasse. Mas era tão cheio de imagens que era impossível. Decidi não fazer a ilustração e escrevi uma carta explicando por que não conseguiria. A carta virou um poema. (a ousadia de escrever um poema para um poeta!) Do jeito que saiu, era muito poética. Algo aconteceu ali, e fiquei realmente surpreso.

Zerbini compartilhou comigo a história divertida de seu amigo, o poeta Waly Salomão (1943–2003), também frequentador assíduo do Jardim Botânico do Rio. Um dia, Salomão passou por Zerbini enquanto ele estava sentado em um banco do jardim e lhe atirou um poema, implorando que ele criasse uma imagem a partir dele. Luiz, atônito com a riqueza imagética do texto, colou o poema na parede de seu ateliê. Depois de lutar para transformá-lo em pintura, escreveu uma carta de desculpas ao amigo por não conseguir atender ao pedido; uma carta que soa como um poema, escrita para um poeta!

Zerbini também compôs um poema para Frank Walter, mas nesse caso ele se apresenta na forma pintada de *Coqueiro* (2025). O tronco e os galhos parecem alcançar o céu, e o fruto revela um profundo conhecimento artístico da horticultura, já que os pincéis habilidosos são da mesma mão que emprega, com destreza, o abricó-de-macaco, para aplicá-lo à prensa

das monotípias. *Coqueiro* é a pintura-irmã da obra semelhante de Walter, que mostra um praticante de windsurf sob um coqueiro, com o mar ao fundo.

5. Zerbini como artista inovador em outro Novo Mundo (de imagens estáticas e em movimento)

Durante nossa primeira conversa, pedi a Luiz que identificasse peças em seu ateliê que ocupassem ali um lugar relutante — coisas que ele não costuma mostrar aos outros — rabiscos, cadernos, efemérides que permanecem no estúdio por razões pouco claras. Ele não hesitou e compartilhou fascinantes assemblages de slides de 35 mm. Cuidadosamente colados, funcionando como visores e minúsculas telas para sua pintura e sua obsessão por grades e quadrados, eles se expandem e se contraem em escala. Guardado em seu estúdio, tudo é organizado de forma deliberada, e essas pequenas obras, muito íntimas, alimentam suas obras-primas em grande escala.

Ambos os artistas utilizam a fotografia de maneiras singulares. Zerbini, pintando com um pincel fino sobre slides de 35 mm, e Walter, usando Polaroids e fotografias coloridas e em preto como telas. Com grande habilidade, Walter adaptou o verso de fotografias que pareciam descartadas como a superfície final de suas pinturas, trabalhando para aperfeiçoar o uso da tinta a óleo nesse suporte desafiador. Na verdade, não havia nada de acidental em sua seleção de fotografias, pois elas se conectam às suas pinturas — assunto sobre o qual as historiadoras da arte Krista Thompson e Mia Matthias escreveram extensamente. Kenneth M. Milton, que atua há vinte anos como conservador da família Walter, estudou como o artista chegou até mesmo a criar uma camada de gesso meticulosa, como se prepararia uma tela, no verso de fotografias, bem como em papelão e em caixas de cartuchos de filmes Polaroid.

Os vídeos de Luiz Zerbini oferecem mais pistas sobre seus dons como artista e sua necessidade incessante de experimentação. Embora ainda não tenhamos descoberto imagens filmadas por Walter, sabemos que sua câmera artesanal era inovadora e uma obra de arte em si mesma. *Sertão* (2009) é um filme de Zerbini no qual o reflexo na água supera a própria paisagem. Em *Cerco* (2013), Zerbini cria uma imagem espelhada de Frank Walter situada em uma paisagem marítima enevoadada. Walter — que era capaz de pintar uma figura na paisagem e depois tornar-se a própria paisagem — encontra sua presença exatamente no final, quando isso de fato acontece. Ele uma vez me contou a história de como se transformou em uma ilha, descrevendo a sensação de estabilidade de seu litoral mudando com as ondas, assim como as brisas suaves que passavam pelo dossel de palmeiras e árvores de mogno que ele sustentava.

Frank Walter era obcecado em ultrapassar todos os limites da arte e da ciência, o que não era incomum, já que também acreditava ser capaz de mudar sua própria compleição conforme o ambiente — totalmente branco em climas frios e “zibelino”, beijado pelo sol, quando em regiões equatoriais. De modo frequentemente vertiginoso e acelerado, Luiz Zerbini pinta sem esforço, alternando mergulhos profundos em fenômenos naturais e belos mundos inventados. Para ambos, Walter e Zerbini, é a familiaridade praticada com os sistemas vitais e o mundo natural que lhes permite quebrar todas as regras, e seus desvios

criativos entre mundos reais e imaginados geram conceitos espetaculares que impactam o espectador da melhor maneira possível.

Agradecimentos a Fortes, D'Aloia & Gabriel, Ana Luiza Fonseca, Thomas Barzilay Freund, Luiz Zerbini e, claro, à Família Walter.